

Minha Vida Escolar na China, de Xin Zhang

Priscila Campello¹

Rita Gabrielli²

Tiago Dieguez³

Marcos Aurélio Toledo Jr.⁴

Resumo:

Apresentamos uma tradução de *School Life in China*, escrito por Xin Zhang. Esse texto chegou ao conhecimento do grupo de pesquisa *Filhos do exílio* por ser um dos textos publicados no livro *In a New Land: an anthology of immigrant literature* (1994), que vem sendo traduzido por membros do grupo. Em cada excerto dessa antologia, há uma pequena introdução explicativa em que as organizadoras Sari Grossman e Joan Brodsky Schur relatam a origem do texto. Concernentemente ao texto de Zhang, as organizadoras informam que ele faz parte de uma coletânea, lançada em 1988, de autobiografias dos estudantes/imigrantes recém-chegados à Newcomer High School, localizada em São Francisco, EUA. No comentário do nosso processo tradutório, enfocamos [1] as nossas escolhas lexicais, considerando, dentro dos limites possíveis, as diferenças entre o mandarim, o inglês e o português; [2] o estilo da autora; e [3] particularidades culturais.

1. Priscila Campello é formada em Letras – habilitação Inglês pela UFMG. Possui mestrado em Literaturas de Língua Inglesa e doutorado em Literatura Comparada, ambos pela UFMG. Realizou doutorado sanduíche na Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill (EUA). Professora adjunta de literaturas em língua inglesa no Curso de Letras da PUC Minas desde 2001 e professora do Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma instituição desde 2013. Desenvolve pesquisa na área de literatura de autoria feminina e literaturas de imigrantes nos Estados Unidos. Coordena o grupo de pesquisa *Filhos do exílio: sujeitos e espaços desestabilizados na escrita de autoria feminina contemporânea*. E-mail: priscilacscampello@gmail.com.

2. É doutora (2019) e mestre (2015) em Letras – Literaturas de Língua Portuguesa, pela PUC Minas. Possui bacharelado e licenciatura em Português-Inglês pela mesma Instituição. Coordena o curso de especialização em *Texto Criativo: leitura e escrita*, do Instituto de Educação Continuada – IEC – da PUC Minas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura literário-psicanalítica, romance brasileiro contemporâneo, Guimarães Rosa e pesquisa para o texto criativo. E-mail: rihgab@gmail.com.

3. É especialista em Tradução pela Universidade Estácio de Sá e especialista em Linguagem, Tecnologia e Ensino pela UFMG. Graduiu-se em Direito na UFMG e cursa atualmente Letras, Licenciatura em Português-Inglês, na PUC Minas. Tem experiência na área de Direito e Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Línguas Estrangeiras Modernas, atuando principalmente nos seguintes temas: português instrumental e português jurídico. E-mail: ruazdieguez@gmail.com.

4. É analista internacional pela PUC Minas e cofundador do Instituto Tucan, projeto social que luta por uma educação emancipadora e plural. Tem como foco de estudo o debate sobre a cultura, identidade, alimentação e migração. Atualmente, é Customer Success Analyst na Reev. E-mail: marcostoledojr@outlook.com.

Palavras-chave:

Tradução literária; Literatura de imigrantes nos Estados Unidos; Escrita de autoria feminina contemporânea; Vida escolar em Nangchang.

School Life in China, by Xin Zhang

Abstract:

We present a translation of *School Life in China*, written by Xin Zhang. This text came to the attention of the research group *Filhos do Exílio* because it is one of the texts published in the book *In a New Land*: an anthology of immigrant literature (1994), which has been translated by members of the group. In each excerpt of this anthology, there is a short explanatory introduction in which the organizers Sari Grossman and Joan Brodsky Schur relate the origin of the text. Regarding Zhang's text, the organizers report that it is part of a collection, released in 1988, of autobiographies of recently arrived students/immigrants at Newcomer High School, in San Francisco, USA. Our commentary on the translation process focusses on [1] our lexical choices, considering, within possible limits, the differences between Mandarin, English, and Portuguese; [2] the author's style; and [3] cultural particularities.

Keywords:

Literary translation; Immigrant literature in USA; Contemporary Women's Writing; School life in Nangchang.

1 Minha vida escolar na China

A China é um dos maiores e mais famosos países do mundo. Nangchang é uma das famosas cidades históricas da China. Passei a minha infância nela. Foi feliz e triste ao mesmo tempo. Teve cantos e risos, e teve lágrimas também. Minha infância ficará para sempre em minha memória.

Comecei a pré-escola aos seis anos de idade. Minha escola era velha. Embora apenas quinhentos estudantes estudassem ali, era uma escola bonita. Ela foi construída em uma região tranquila, onde não havia fábricas. Seus dois lados eram rodeados por uma pequena colina que estava sempre verde, porque havia uma floresta de pinheiros. Os pinheiros eram verdes em todas as estações do ano. Quando chegava a primavera, as azaleias floresciam sobre a colina e o vale, vermelhas como fogo. Elas balançavam para frente e para trás com o vento suave, iguaizinhas a uma chama trêmula. As árvores verdes, o céu azul e as nuvens brancas, juntos com as flores vermelhas, destacavam-se lindamente. Quando chegava o inverno, todas as folhas das árvores caíam, mas os pinheiros continuavam verdes, contra o vento frio e forte. Eram como soldados valentes.



Oh! Estava nevando! O mundo inteiro estava coberto por uma jaqueta prateada. Os pinheiros estavam mais bonitos, puros como jade e límpidos como gelo, tal como garotas magras e graciosas. O outro lado da escola era rodeado por camélias. As flores eram brancas como a neve, e a fragrância delicada delas se espalhava através do vento suave. Parecia o país das maravilhas.

A parte de fora da escola era linda, e a parte de dentro também. Minha velha escola tinha dois prédios: um era usado para as aulas, e no outro eram os gabinetes dos professores. Na frente dos prédios, tinham dois canteiros de flores. Em volta dos canteiros, arbustos. No fundo, tinha um gramado onde cresciam algumas flores silvestres. Eram azuis, vermelhas, amarelas, brancas e alaranjadas... tantas árvores rodeavam a escola. Como eu disse, pinheiros, guarda-sol chinês, bordos... quando era verão, o sol aparecia através das folhas densas. Debaixo das árvores, era bem fresco. Era um bom lugar para estudar.

No meu primeiro ano da pré-escola, a maioria dos professores nos ensinou a cantar, dançar ou desenhar. Às vezes, eu estudava como ler e escrever os números. Frequentemente fazíamos excursões. Os destinos eram pequenas colinas ou gramados. Ficávamos em filas e cantávamos músicas sorrindo. Quando chegávamos nos destinos, voávamos, como pássaros, por todas as direções. Os meninos lutavam e rolavam na grama. Alguns meninos e meninas brincavam de pique-esconde. Na primavera, eu colhia flores silvestres com minhas amiguinhas. Às vezes, fazíamos pequenas guirlandas para pendurar no pescoço. No outono, colhíamos frutas silvestres comestíveis, e eram muito gostosas. Oh! Estava na hora do almoço. Veja, tinha tanta comida no chão: bolo, *mantou*, *bao*⁵, biscoitos, frango, ovos, maçãs, bananas, laranjas... e compartilhávamos toda a comida.

Quando eu tinha sete anos, estava na primeira série do Ensino Fundamental. Estudei Matemática, Mandarim, Artes, Educação Física e Música. Minha disciplina favorita era Mandarim. Meu passatempo era ler. Mas para ler a gente tinha que saber muitas palavras. Então, eu gostava de estudar Mandarim para aprender muitas palavras.

Minha professora de Mandarim era a Sra. Guo. Era ótima professora, tinha muita paciência para ensinar. Se a gente não entendia uma palavra depois de duas ou três explicações, ela explicava outras dez vezes, ou até mais. Alguns alunos bagunceiros não eram bons com outros professores, mas se tornavam bons alunos nas suas mãos. A Sra. Guo era a minha professora preferida. Ela me deu aula da primeira até a quinta série do Ensino Fundamental. Ensinava não só durante as aulas, mas depois das aulas também. Ela nos ensinou como jogar jogos bons para a mente e para o corpo. Um dos jogos interessantes que jogávamos depois da aula era “A águia pega a galinha”. As crianças ficavam em fila. A primeira da fila era o líder. E uma criança ficava fora da fila. A líder tinha que esticar os braços para impedir que a criança fora da fila pegasse as outras que estavam na fila. Esse jogo testava as reações das pessoas. Depois da aula, muitos alunos jogavam esse jogo no parquinho, mas eu não gostava de brincar disso, eu gostava de ficar sentada e de assistir.

Na segunda série, estudei mais duas matérias: Geografia Chinesa e História Chinesa. As aulas de Artes, Música e Educação Física se tornaram menos importantes. Comecei também a escrever redações. Geralmente, eu ficava dois horários para terminar as redações. Eu tirava notas mais altas do que os meus amigos.

5. N.T.: *Steamed bread* e os *steamed buns* são duas variedades do pão chinês, que é cozido no vapor, sendo que o *steamed bread* se refere ao *mantou*, que não possui recheio, enquanto os *steamed buns* se referem ao *bao*, que possui recheio doce ou salgado.



A quinta série foi o último ano do Ensino Fundamental I. Só estudei Mandarim e Matemática. Eu só tinha que passar nessas duas matérias para me formar. Nessa época, uma das minhas redações se chamou “Meu pai”. Foi publicada com a ajuda da Sra. Guo. Minha família ficou feliz comigo. Tenho a redação guardada na minha gaveta até hoje. Depois de provas importantes, passei em Mandarim e Matemática. Terminei o Ensino Fundamental I sem dificuldades.

Durante os meus cinco anos do Ensino Fundamental I, não só adquiri muito conhecimento, mas também fiz muitos amigos. Três meninas eram minhas melhores amigas. Elas se chamavam Ming, Bin e Jun. Ming era uma menina feliz. Continuo ouvindo o som das risadas dela todo dia. Nunca parecia estar triste. Bin também era uma menina divertida. Onde ela estivesse, tinha risadas. Jun era uma menina simples e honesta. Ela geralmente cometia erros engraçados. E quanto a mim? Sim, eu era uma garota tranquila. Apesar de termos diferentes personalidades, nos dávamos bem. Claro que brigávamos também. Costumávamos sentar no gramado perto da nossa escola. Discutíamos sobre as lições e falávamos animadamente sobre nossos ideais e sonhos.

Comecei a frequentar o Ensino Fundamental II quando tinha doze anos. Minha nova escola era maior que a anterior. Tinha prédios de dois andares para as aulas e um prédio de quatro andares para os gabinetes dos professores. Na escola, estudavam cinco mil alunos. Na frente dos gabinetes, tinha um jardim grande. Uma árvore cresceu no meio do jardim. Ela era cercada por muitas flores e arbustos bonitos. Na frente de todos esses prédios, tinha um parquinho grande.

Na sexta série, estudei Mandarim, Álgebra, Inglês, Artes, Educação Física, Geografia, História e Música. Estudava numa sala de aula normal todos os dias. Mandarim continuou sendo minha matéria favorita, mas comecei a me interessar por Inglês. Depois das aulas, costumava ficar conversando com meus colegas e raramente saía para brincar.

Mas tive uma grande surpresa. Ming, Bin, Jun e eu fomos colocadas juntas novamente. Aos domingos, íamos com frequência ao gramado que ficava no caminho da escola em que fizemos o Ensino Fundamental I. Nós sempre íamos lá e recordávamos nossa infância.

Todos os dias, íamos juntas à escola. No caminho da escola, tinha uma pereira silvestre. Na primavera, espalhava suas flores brancas, como neve, em nossos corpos. No verão, a árvore nos fornecia uma grande sombra verde. Nosso riso se misturava à sombra verde.

Na sétima série, estudei mais duas matérias novas: Geometria e Física. Esse foi meu último ano de estudos na China. Nas férias de verão, fui para Pequim, capital da China, com minha família. Precisávamos conseguir um visto para ir para os EUA. Depois de conseguir o visto, visitei muitos pontos turísticos: a Cidade Proibida, o Palácio de Verão, a Grande Muralha e o Parque Beihai. O lugar mais cansativo para subir foi a Grande Muralha. Ainda me lembro do cansaço da subida.

Depois que voltamos para Nangchang, um dia perguntei para minha mãe: “Por que estamos indo para os EUA?” E ela respondeu: “Seu avô está nos EUA, você sabe disso. Agora ele está velho. Ele precisa que cuidemos dele”.

24 de outubro de 1985: este foi meu último dia em Nangchang. De manhã, fui à escola e participei de uma festa de despedida que meus colegas fizeram para mim. Na festa, cantei duas músicas – “Leave Each Other” e “Meet You”. No final, eles disseram: “Não se esqueça de nós. Lembre-se de que, no longínquo Oriente, seus amigos sentem sua falta dia e noite”.



A caminho de casa, Ming, Bin, Jun e eu ficamos em silêncio. Nós apenas andamos, e andamos e andamos... Parecia que Deus tinha nos enviado um fantasma. Chegamos ao gramado sem percebermos. Visitamos nossos velhos refúgios favoritos. O passado, como um homem velho, apareceu em minha mente. Não sei quem emitiu os primeiros sinais de choro, mas logo estávamos todas chorando. Foi tão triste. Não havia nenhum outro som, apenas os pássaros cantando.

À tarde, despedi-me da minha avó materna, tia, professores, amigos e da casa em que morei por onze longos anos. Quando chegamos a Xangai, de trem, minha tia estava lá.

11 de dezembro de 1985: este foi meu último dia na China. Ao meio-dia, minha tia preparou um grande almoço para a nossa despedida. Tiramos algumas fotos. Às duas horas da tarde, estávamos no aeroporto internacional de Honggiao. Pegaríamos o avião das 14h14min para os EUA. Minha tia disse: "Se esforce para estudar e trabalhar. Estou esperando boas notícias suas".

Quando cheguei no avião, olhei para o encanto e a beleza do meu país pela janela. Pensei comigo: "Adeus, avó, tia, professores, amigos. Adeus, montanhas, rios, campos. Esperem por mim! Eu voltarei. Por favor, acreditem em mim, eu voltarei. Esperem por mim!" As lágrimas caíram lentamente dos meus olhos, escorrendo pelo meu rosto.

2 Sobre o processo de tradução de *School Life in China*, de Xin Zhang

School Life in China, escrito por Xin Zhang, chegou ao conhecimento do grupo de pesquisa *Filhos do Exílio* por ser um dos textos publicados no livro *In a New Land: an anthology of immigrant literature* (1994), que vem sendo traduzido por membros do grupo. Em cada excerto dessa antologia, há uma pequena introdução explicativa em que as organizadoras Sari Grossman e Joan Brodsky Schur relatam a origem do texto. No caso do texto escolhido para este estudo, as organizadoras informam que ele faz parte de uma coletânea, lançada em 1988, de autobiografias dos estudantes/imigrantes recém-chegados à Newcomer High School, localizada em São Francisco, EUA. Essa coletânea foi organizada pelo professor Myron Berkman, que trabalhou com os alunos por um período de três a quatro semanas e propôs várias reescritas de seus textos. Segundo Berkman, os estudantes tiveram pouco ou nenhum estudo da língua inglesa em suas terras natais, e ele procurou preservar, tanto quanto possível, a autenticidade das escritas dos alunos, fazendo alterações apenas quando necessário (GROSSMAN; SCHUR, 1994, p. 233).

Durante o processo de tradução do texto de Zhang, procuramos transpor para o português, da forma mais próxima e adequada, as características particulares da escrita de Zhang, que tem o inglês como segunda língua, a fim de manter, sempre que possível, a autenticidade do projeto editorial de Myron Berkman e da escrita de Zhang. Buscamos recorrer a alterações mais significativas apenas quando eram indispensáveis à construção de sentido do texto por parte do leitor lusófono.

Nesta seção, comentaremos nosso processo de tradução do texto de Zhang, enfocando [1] as nossas escolhas lexicais, considerando, dentro dos limites possíveis, as diferenças entre o mandarim, o inglês e o português; [2] o estilo da autora; e [3] particularidades culturais. Assim, cada subseção a seguir tratará de um desses tópicos. Antes de prosseguirmos, porém, é necessário sublinhar que esta tradução está sujeita às limitações de nosso conhecimento da cultura chinesa e da construção dos ideogramas em mandarim.



2.1 Das escolhas lexicais

No quinto parágrafo do texto, Zhang descreve um piquenique vivenciado por ela, numa excursão escolar, quando estava na pré-escola, e dois dos alimentos que menciona são o *steamed bread* e os *steamed buns*. Entendemos que são duas variedades do pão chinês, que é cozido no vapor, sendo que o *steamed bread* se refere ao *mantou*, que não possui recheio, enquanto os *steamed buns* se referem ao *bao*, que possui recheio doce ou salgado (CHINESE, 2017). Assim, optamos por não os traduzir para o português, mantendo-os em *pinyin*, acrescidos de uma nota explicativa. *Pinyin* – vale esclarecer – é o sistema oficial de romanização da escrita chinesa, que pressupõe o uso de caracteres, não letras (ANDRADE, 2013). Acreditamos que, ao usarmos as palavras *mantou* e *bao*, acrescidas de notas de rodapé explicativas, tornamos mais claro, para o leitor de língua portuguesa, o que a autora descreve do que se traduzíssemos *steamed bread* por uma expressão como “pão cozido no vapor” ou “pão chinês sem recheio”, e *steamed buns* por “bolinhos cozidos no vapor” ou “pães chineses recheados”. Além disso, colocar a explicação desses pratos típicos no corpo da tradução, com mais de uma palavra, deixaria o texto menos fluido, prolixo, o que poderia até configurar uma perda do tom literário do texto.

Quando Zhang se referia ao *Chinese* como disciplina escolar, optamos por traduzi-lo como Mandarim, por ser a língua oficial da China, que, aliás, conta com várias outras línguas, como o cantonês, por exemplo. A língua chinesa, na verdade, são muitas, enquanto a escrita chinesa é única, conforme elucida Andrade (2013).

No décimo terceiro parágrafo de seu texto, Zhang menciona uma *pear tree*, que entendemos ser uma pereira, árvore que apresenta belas flores brancas e que é muito comum na China, país responsável por 70% da produção mundial de pera (INFORMAÇÕES, s.d.). Pensamos que, talvez, pudesse ser uma nespereira, já que essa árvore, de aparência bastante semelhante à pereira, é originária justamente do sudoeste da China (ÁRVORES, 2013), onde está localizada a província de Jiangxi, cuja capital é Nanchang, cidade em que Zhang cresceu. Mas, uma vez que, em inglês, existe a palavra *medlar* para se referir à nespereira e à nêspereira, e que, de acordo com o dicionário Collins, *pear tree* é pereira, decidimo-nos por pereira.

Passemos, agora, aos comentários concernentes ao estilo da autora.

2.2 Do estilo da autora

Como dissemos no princípio desta seção, traduzir o relato escrito por Xin Zhang em inglês, sua segunda língua, utilizada então de forma rudimentar, foi também uma tarefa em que buscamos preservar, tal como seu professor, as peculiaridades e mesmo os estranhamentos causados pelo contato entre culturas e línguas, as imagens e as metáforas que, num primeiro olhar, podem soar estranhas tanto ao leitor da língua inglesa como ao leitor lusófono.

Podemos ver exemplos de metáforas e símiles nos dois trechos a seguir: “Parecia que Deus nos tinha enviado um fantasma” e “O passado, como um homem velho, apareceu em minha mente”. Tais construções, possivelmente ligadas à língua chinesa e à realidade cultural regional, soam estranhas na língua inglesa – e optamos por manter o estranhamento justamente por parecer tratar-se de um efeito de sentido importante, característico da escrita de Xin Zhang.



O leitor pode notar também a singularidade de outras construções da autora, como a comparação das flores azaleias ao fogo, à chama trêmula, e a comparação dos pinheiros a soldados valentes. Ou seja, as metáforas também são construções sociais e amparadas pela língua, no caso do mandarim, pelos ideogramas. Adriana Antunes de Almeida Polerto, em seu artigo “O aprendizado da metáfora na infância e sua relação com a construção do sonho”, explica que

Quando a introdução do pequeno no mundo se dá pelo acesso do lúdico e do afetivo, a criança aos poucos passará do mundo da fantasia à realidade. A metáfora, que será aprendida posteriormente, funcionará como uma espécie de dobradiça, fazendo um mundo dar acesso ao outro. Essa ponte necessária para a percepção do mundo externo é fundamental para a (re) criação do mundo interno. Assim, a criança sai da fantasia para apreender os objetos e simbolizar. Sairá da sensação, da percepção à representação. Em outras palavras, a metáfora é a capacidade lógica de capturar o ilógico, o inconsciente. (POLETTTO, 2018, p. 23).

Assim, à medida que a menina Xin aprendia o mundo ao seu redor, ela passava a descrever especialmente a natureza, o ambiente da terra natal, através das comparações e das metáforas, entrecortadas por esse efeito de estranhamento, o que nos permite afirmar que, com essas imagens tão particulares e únicas, a plasticidade da narrativa vai-se constituindo como uma marca pessoal da autora, seu “estilo”: “Oh! Estava nevando! O mundo inteiro estava coberto por uma jaqueta prateada. Os pinheiros estavam mais bonitos, puros como jade e límpidos como gelo, tal como garotas magras e graciosas.”

Além das metaforizações, a escrita de Zhang é marcada pelo uso de frases bem curtas e escolhas lexicais mais simples. O fato de ela ser bastante jovem – uma estudante do Ensino Médio –, sem domínio do inglês, certamente influenciou nessas escolhas autorais. Porém, na tradução, algumas frases originalmente curtas foram unificadas para tornar o texto mais fluido. É notável, porém, tanto pelo conteúdo quanto pela forma do texto, que a autora gosta, ou pelo menos gostava, muito de escrever. Em seu relato, Zhang menciona que, aos sete anos, quando estava na primeira série do Ensino Fundamental, seu passatempo era ler, e, como o ato de leitura implica o domínio da linguagem, ela também gostava de estudar Mandarim: “Meu passatempo era ler. Mas para ler a gente tinha que saber muitas palavras. Então, eu gostava de estudar Mandarim para aprender muitas palavras.” (ZHANG, 1994, p. 234). Essas afirmações indiciam que, desde a infância, a autora tinha especial interesse pela linguagem, pelas palavras. Já no ano seguinte, na segunda série do Ensino Fundamental, Zhang começou a se envolver com o exercício da escrita: “Comecei também a escrever redações. Geralmente, eu ficava dois horários para terminar as redações. Eu tirava notas mais altas do que os meus amigos.” (ZHANG, 1994, p. 235). Na quinta série, seu último ano do Ensino Fundamental I, Zhang teve seu primeiro texto publicado, e tal fato a fez muito feliz: “Nessa época, uma das minhas redações se chamou ‘Meu pai’. Foi publicada com a ajuda da Sra. Guo. Minha família ficou feliz comigo. Tenho a redação guardada na minha gaveta até hoje.” (ZHANG, 1994, p. 235). E, na sexta série, Zhang começou a se interessar pela língua inglesa: “Mandarim continuou sendo minha matéria favorita, mas comecei a me interessar por Inglês.”

Além desses trechos que evidenciam, do ponto de vista do conteúdo, a relação íntima que Zhang mantinha com a linguagem, pelo menos até o momento de escrita de *Minha vida escolar na China*, há ainda os recursos literários ali presentes que demonstram, do ponto de vista da forma, o apreço da autora pelo trabalho com as palavras.



Há outra opção tradutória nossa relacionada à preservação das escolhas autorais de Zhang que consideramos importante mencionar. Nos momentos do texto em que Zhang se refere a características do sistema escolar chinês, traduzindo-as para a lógica do sistema escolar norte-americano, optamos por traduzi-las para o sistema escolar brasileiro sem oferecer, ao leitor, nenhuma informação adicional acerca das diferenças e semelhanças entre os sistemas escolares, tal como fez a autora.

Abordemos, por fim, particularidades culturais com as quais nos deparamos ao longo do processo de tradução de *School Life in China*, de Xin Zhang.

2.3 Das particularidades culturais

Zhang menciona, em seu texto, uma brincadeira que seus colegas da primeira série do Ensino Fundamental gostavam de jogar e que ela denomina como *Eagle catch the chicken* (“A águia pega a galinha”). Em mandarim, o nome, ou pelo menos um dos nomes do jogo a que Zhang se refere, encontra-se na Figura 1, a seguir, e traduz-se, em inglês, literalmente, por *Eagle Catch the Small Chicken*.

Figura 1: Eagle Catch the Small Chicken.



Fonte: Chen, 2011.

Segundo Mari Chen (2011), os objetivos dessa brincadeira, que é uma espécie de *upgrade* do pega-pega (*chasing game*), são ajudar no desenvolvimento do foco de crianças de cinco a dez anos de idade e ensiná-las a importância da cooperação na vida em sociedade. É que o jogo encena a atitude protetora da galinha para com seus pintinhos, diante do predador, e requer muita coordenação. São necessários no mínimo cinco jogadores. Eles devem decidir quem será a “águia” e quem será a “galinha”, os demais serão os “pintinhos”. A “galinha” e os “pintinhos” devem permanecer em fila, de modo que a “galinha” ocupe a primeira posição e, com os braços abertos, impeça a “águia” de encostar em seus “pintinhos”. Os “pintinhos”, por sua vez, devem cooperar com a galinha e seus “irmãozinhos” cuidando sempre para movimentarem-se precisamente conforme os movimentos da “galinha” e do(s) “pintinho(s)” que está (estão) à frente. Se, durante a correria para fugir das investidas da “águia”, a fila se mantiver alinhada, naturalmente a “águia” não conseguirá tocar em nenhum “pintinho”. De outro modo, se a fila se desalinhar, a “águia” conseguirá pegar um dos pintinhos, que se transformará na “águia” da próxima rodada. O jogo parece ser divertido e bastante desafiador, conforme podemos observar no vídeo, disponível no YouTube, <https://www.youtube.com/watch?v=RTNE-zaaOVg>, com adultos jogando *The Eagle Catches the Chickens*, em South Perth, na Austrália.

Como não encontramos referência a alguma brincadeira brasileira semelhante a essa, já que nenhuma das muitas variantes do *pega-pega* existentes no Brasil se joga em fila, optamos por trazer para o português a tradução literal de Zhang.

É chegado, então, o momento de concluir.



3 Conclusão

Para Paulo Henriques Britto (2012), a tradução literária é vista como uma atividade de recriação, por parte do tradutor, de uma obra para outra língua. A palavra-chave dessa definição é “recriação”, que traz em si a ideia de que a criação é inerente ao trabalho do tradutor de textos literários. Essa atividade de criação é também uma atividade investigativa, uma vez que, muito mais do que mera transposição de palavras de um idioma para o outro, a tradução consiste na busca por sentidos, significados, valores e ideias (BRITTO, 2012).

Traduzir é difícil, especialmente um texto literário, pois a obra pode ser carregada de símbolos, elementos usados propositalmente pelo autor, ironias, trocadilhos etc. Além disso, o tradutor tem a tarefa de manter o texto final inteligível para o leitor. E, segundo Hall (2006), numa cultura há compartilhamento de valores e ideias que lhe são próprios, o que significa que nem sempre uma ironia, por exemplo, fará sentido em outra língua, pois é necessário estar-se inserido naquela cultura para entendê-la. Assim, há casos em que, para determinada cultura, não faz sentido manter, no texto-alvo, uma palavra restritamente equivalente ao texto-fonte, seja por não ser atrativa para o leitor, seja por não existir um entendimento compartilhado, na cultura de destino, do significado daquela palavra do texto-fonte.

Seja como for, sabemos que o tradutor encontra muitos desafios ao dedicar-se à tradução de textos literários. Isso porque é necessário manter o compromisso de comunicação, sem abdicar do estilo literário do autor do texto-fonte, buscando, assim, produzir no leitor efeitos semelhantes àqueles do primeiro texto.

Enfrentamos esses desafios ao longo deste trabalho cujo objetivo principal foi proporcionar a leitores lusófonos a oportunidade de conhecer este conto de Xin Zhang. Para tanto, escolhemos preservar o máximo possível o estilo da autora, sem deixar de zelar pela demanda de sentido de nossos leitores. Acreditamos ter correspondido com nossas pretensões e expectativas ao traduzir esta obra, pois conseguimos manter elementos, características e o perfil de escrita da obra original no texto traduzido. Ao longo desta tradução, deparamo-nos com alguns impasses quanto a escolhas lexicais e particularidades autorais e culturais, conforme relatamos ao longo deste texto, o que tornou o trabalho extremamente rico.

Cabe ressaltar, por fim, que quanto mais nos distanciamos geograficamente do texto-fonte, mais nítidas ficam as dificuldades a serem enfrentadas na escrita do texto-alvo. Não foram poucos, portanto, os desafios que enfrentamos ao traduzirmos um texto escrito, em língua inglesa, por uma autora chinesa. Segundo Britto (2012), em entrevista para a Globo News (s.d.), não existe tradução impecável, assim como não existe obra alguma que seja perfeita. É com esse espírito que esperamos ter realizado bem o nosso trabalho.



Referências

- ANDRADE, Cleyton Sidney de. *A interpretação analítica e a escrita poética chinesa*. 2013. 332 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- ÁRVORES frutíferas chinesas. In: *Cultura Mix*, 2013. Disponível em: <<https://flores.cultura-mix.com/flores/naturais/arvores-frutiferas-chinesas>>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CHEN, Mari. Eagle Catch the Small Chicken. In: CHEN, Mari. *Mandarin for me*. Los Angeles, jun. 2011. Disponível em: <<http://mandarinforme.com/wp-content/uploads/2011/06/Chinese-Game-Eagle-Catch-the-Small-Chicken.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- CHINESE steamed buns. In: *China Sichuan Food*: Chinese recipes and eating culture. 08 set. 2017. Disponível em: <<https://www.chinasichuanfood.com/chinese-steamed-buns/>>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- COLLINS Online English Dictionary. Disponível em: <<https://www.collinsdictionary.com/>>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- DICIONÁRIO Aulete Digital. Disponível em: <<http://aulete.com.br/>>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- ESPAÇO ABERTO. Literatura. *Globo News*. Entrevista de Edney Silvestre com Alison Entrekin e Paulo Henriques Britto. s.d.
- GROSSMAN, Sari; SCHUR, Joan. *In a New Land*: an anthology of immigrant literature. New York: McGraw-Hill Companies, 1994.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- INFORMAÇÕES sobre a pereira. In: *Wikifarmer*, s.d. Disponível em: <<https://wikifarmer.com/pt-br/informacoes-sobre-pereira-arvore-da-pera/>>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- LINGUEE Dicionário inglês-português e buscador de traduções. Disponível em: <<https://www.linguee.com.br/>>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- POLETTTO, Adriana Antunes de Almeida. O aprendizado da metáfora na infância e sua relação com a construção do sonho. *Estudos de Psicanálise*, n. 50, p. 21-26, dezembro 2018.
- YEO, Geoffrey. *The Eagle Catches the Chickens*. YouTube, 16 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RTHNE2aaOVg>>. Acesso em: 03 jul. 2021.
- ZHANG, Xin. School Life in China. In: GROSSMAN, Sari; SCHUR, Joan. *In a New Land*: an anthology of immigrant literature. New York: McGraw-Hill Companies, 1994. p. 233-236.

